

E se pensarmos o livro como interlocução – e não interação...?¹

Luciana Salazar Salgado²
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP

Resumo

Esta comunicação apresenta uma distinção entre *interação* e *interlocução*, com base na análise do discurso de matriz linguística, visando o exame detido das diferentes relações que se estabelecem, no tempo presente, entre sujeitos leitores e o objeto livro e, mais amplamente, com quaisquer objetos editoriais. Em linhas gerais, a hipótese é de que a lógica da digitalidade em vigor na atual arquitetura técnica se impõe como condicionante das práticas de leitura, todas elas, não só as que se dão em dispositivos digitais, e a interatividade parece se sobrepor às possibilidades interlocutivas.

Palavra-chave: interação; interlocução; livro; objetos editoriais.

Para introduzir a questão central deste trabalho, retomo exposição feita no II Expedição, ocorrido em 2024 na Universidade Federal Fluminense, quando apresentei uma distinção entre interlocução e interação para pensar no tema proposto: *onde vivem os livros, onde morrem os livros*. Não há dúvida de que o termo “livros” tem, nesta altura, uma polissemia digna de nota, desdobrada tanto pelas questões da digitalidade, lógica hoje hegemônica na distribuição do dizeres (um e-book é um livro?), quanto pelas questões suscitadas por impressos que não têm nem a dobra nem a costura (jogos de cartas, simulações de games etc.). Abordamos essa polissemia a partir dos estudos da linguagem na sua confluência com os estudos da edição e respondemos deste modo à questão proposta: os livros nascem e morrem conforme a relação que estabelecem com leitores que de fato leem (para além dos colecionadores e bibliófilos), e elas podem ser interativas, interlocutivas, híbridas.

Essa perspectiva se assenta em dois pilares: 1. desenha-se a partir da análise do discurso baseada nos estudos da linguagem, que se interessa pela produção dos sentidos (Mussalim, 2004); 2. considera, nessa visada discursista, que há também uma dimensão

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Linguística, professora nos Programas de Pós-graduação em Linguística e em Estudos de Literatura da UFSCar e no Programa Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP. E-mail: lucianasalazar@ufscar.br

mirológica na produção dos sentidos, isto é, as materialidades inscricionais também “dizem” (Debray, 2000; Ferreira; Damaceno; Salgado, 2021).

Com base nisso, propusemos uma delimitação teórico-metodológica: objetos editoriais são objetos técnicos que supõem uma cadeia criativa e uma cadeia produtiva, nas quais técnicas e normas são administradas por diferentes atores, com vistas à formalização material de uma síntese de valor sógnico, que enseja uma circulação pública, apontando para uma autoria e projetando um público leitor (Salgado, 2024).

Focalizando o aspecto da *síntese sógnica* é que fazemos a diferença entre *interlocução* e *interação*. A primeira supõe uma experiência de investimentos sem garantias; a segunda, uma experiência que cumpre scripts acordados e prevê um certo percurso. A primeira convida a assumir riscos diante do desconhecido; a segunda convida a uma dinâmica que pode ser intensa e rica, mas é controlada por protocolos estritos.

Nossa hipótese de trabalho é que se pode dizer que os livros vivem quando se dão à interlocução e que talvez morram quando sucumbem à mera interação, isto é, quando sucumbem a coisas como o cumprimento de metas instigado por um e-reader que registra, por exemplo: “você já leu 30% da obra”.

De todo modo, não se deve cair na tentação de um embate livro impresso/interlocução *versus* objetos editoriais digitais/interação. Isso pouco explicaria. Seria quase como pensar que um livro impresso suscita interlocução porque é uma coisa boa por natureza – não é. Lembremos, por exemplo, de coleções como a “Conta pra mim” do Ministério da Educação de outros tempos, nas quais a “literacia familiar” opera mutilações nos tradicionais contos de fadas de modo que soem “moralmente adequados” ao assumir função “edificante” (Messias, 2025). Enfim, um livro não é bom porque é *livro*, como se constata no senso comum (Salgado, 2011).

Assim como os objetos editoriais digitais não são ruins por serem digitais, embora já se tenha constatado que tudo o que é digital chafurda hoje numa espécie de mega-quantidade de notificações conjugada à intensa demanda por seleções, forçando a interagir pronta e reativamente às multi-demandas (Rocha; Salgado, 2024). Em todo caso, há iniciativas de produção como “Las quinze letras editorial”, que cria ambientes específicos para fruição da literatura digital, sem convergências entre plataformas.

Em conclusão, pode-se dizer que essa investigação conduziu à seguinte pergunta: como é que, num mundo em que predomina a intensa interatividade, a interlocução pode se dar? Uma resposta possível: trabalhando-se no tratamento editorial dos textos com

vistas a estabelecer experiências interlocutivas. Em termos discursivos: assumindo-se as condições de produção como ensejo das condições de emprego (Mussalim, 2004).

Referências

DEBRAY, R. **Transmitir** – o segredo e a força das ideias. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRA, A.E.S.C.; DAMACENO, L.b.; SALGADO, L.S. Me(i)diologia? Pensando o conceito de médium de Régis Debray e algumas traduções para o português brasileiro. In: SILVA; TOPAN; MARTINS (org.). **Educação, literatura e linguagem em diálogo**. São Paulo: Gênio Criador, 2021, pp. 12-26.

MESSIAS, J. V. **Uma Torre e um Farol nas terras do Horror: "Silvestre"** (2019), de Wagner Willian, como centro autoral e a editora Darkside® Books como horizonte de produção especializada / José Victor Rodrigues de Andrade Messias – 2025. 388f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In MUSSALIM; BENTES (orgs.). **Introdução à linguística** – fundamentos epistemológicos. Vol. 2, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 101-142.

ROCHA, R.C.; SALGADO, L.S. Na galáxia digital, questões sobre literatura e digitalidade. **Bulletin of Hispanic Studies**, Londres, vol. 101, n. 6, ago 2024, pp. 505-519.

SALGADO, L.S. **A revisão de textos nos ritos genéticos editoriais**. Uberlândia: Autorar, 2024.

SALGADO, L. S. A leitura como um bem. In MOTTA; SALGADO (orgs.). **Fórmulas discursivas** São Paulo: Contexto, 2011, pp. 43-52.